

HOMENAGEM AO PROFESSOR LUIZ TOLEDO MACHADO

Paula Beiguelman

Excelentíssimos presidente, diretores, conselheiros e amigos do Sindicato dos Escritores.

Caríssimo casal Toledo Machado e família.

Estamos reunidos esta noite para homenagear o ilustre intelectual Luiz Toledo Machado, professor universitário no Brasil e no exterior, escritor e jornalista, fundador do nosso Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Como todos sabem, o Professor Toledo Machado tem formação acadêmica em Literatura e Ciência Política.

Na área de Letras, publicou diversos ensaios, com destaque para o dedicado ao escritor Alcântara Machado. Mais recentemente, voltando-se também para a ficção, publicou em 1998 o excelente romance *Cavalo do Tempo*, cujo festivo lançamento foi realizado neste recinto do Sindicato dos Jornalistas, onde nos encontramos.

Na área de Ciência Política, escreveu inicialmente *Conceito de nacionalismo*, livro fundamental editado em 1960. A essa obra seguiu-se, em 1980, *Formação do Brasil e Unidade Nacional*. A amável oferta desse trabalho, que li com a maior atenção, marcou o início de nossa amizade intelectual e política.

Mais recentemente, como é sabido, foram editados outros livros dele igualmente importantes, como *O Preço do Futuro e Concepções Políticas do Estado e da Questão Nacional nos Séculos 19 e 20*, entre outros.

Além dessas obras, Toledo Machado publicou na imprensa, na condição de jornalista, inúmeros artigos de acompanhamento e análise dos problemas referentes à questão nacional. Sempre me pareceu que seria o caso de reunir esses artigos em livro.

O nosso homenageado tem uma biografia rica e coerente de lutas em defesa da cultura e da identidade nacional. A União Brasileira dos Escritores, o Sindicato dos escritores e as entidades artísticas em geral, conhecem sua atividade no estímulo à criação literária e das demais artes. No caso específico da literatura, é notório seu esforço com vistas

à criação de um fórum no qual os escritores, além de defendidos nos seus direitos, possam, como setor especialmente consciente, manifestar-se perante o País.

No plano sócio-econômico e político, encontramos registrada a presença atuante de Toledo Machado desde cedo, já na campanha *O petróleo é nosso*; e nos anos subsequentes, dando apoio à Frente Parlamentar Nacionalista. Integrou também a Frente Nacionalista, lançada em abril de 1981.

Nos anos 90, fundou o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, o INEP, para promover análises sobre a temática nacional. Com o prestígio que sempre se angariou, Toledo Machado conseguiu reunir no INEP um expressivo grupo de patriotas da mais alta competência técnica, sendo que de um dos ciclos de palestras organizados pela entidade resultou a coletânea intitulada *Debate Nacional*. Tive a honra de ser convidada pelo nosso homenageado para escrever a orelha da publicação, o que aceitei, ciente da responsabilidade.

Constituída em 1995 a Frente de Defesa da Soberania e Integridade do Brasil, que contou com o imediato apoio de Barbosa Lima Sobrinho, Toledo Machado a integrou, tornando-se presidente do seu setor paulista.

A partir de então, a sua energia intelectual passou a se canalizar para a luta contra o neoliberalismo que vitima e sufoca nossa Pátria.

Em agosto de 2002, convidado a participar de um seminário promovido pela Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, Toledo Machado terminava assim a sua exposição: "Fundamentalmente, o desenvolvimento econômico brasileiro não poderá continuar dependendo do financiamento externo, do capital especulativo, do modelo de mercado. Bloquear as condicionalidades externas e as internas constitui pressuposto básico para a nossa sobrevivência através de um projeto efetivamente nacional".

Eleito o presidente Lula, Toledo Machado passa a integrar a Articulação Nacionalista, da qual a Frente Parlamentar em Defesa do Brasil era parte constituinte, mas que incorpo-

rava outros setores da vida brasileira, não parlamentares.

Em carta ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a entidade lhe recomendava uma série de medidas, das quais destacamos, a título de exemplo: cessar a política entreguista e perdulária, não se admitindo a privatização de setores fundamentais da economia nacional; não aceitar os termos do acordo a respeito da base de Alcântara, no Maranhão, o que significaria perda da soberania brasileira sobre parte de nosso território; retomar o controle da Vale do Rio Doce, que detém boa parte do subsolo e conseqüente servidão de imenso território na Amazônia.

Para finalizar, citarei um pequeno trecho do texto de Toledo Machado, intitulado *No fio da navalha*. Ali se lê: "Continuar na rota liberal-monetária será um suicídio anunciado a curto prazo. O Brasil ostenta condições de superar a crise com recursos próprios, a começar pela reformulação do Estado privatizado, pelo saneamento do mercado e pela instituição do necessário controle cambial. O problema está na formulação de uma estratégia para sair da armadilha da dependência externa".

E essa estratégia, acrescento por minha conta, compreende a aglutinação das forças nacionais e populares, para resistir à chantagem do "mercado", que vem sendo praticada sobre o governo. Mesmo porque, da intolerável submissão em nome da conquista da confiança, decorre um conseqüente desgaste, tanto econômico como político.



Luiz Toledo Machado

A trajetória militante do Professor Luiz Toledo Machado é sobejamente conhecida de todos os presentes à nossa reunião desta noite, cujo objetivo é prestar uma justa homenagem a esse homem de muitos amigos, pelo seu esforço exemplar e pela sua coerência intelectual e moral.

Por isso não me estendo mais. E também porque certamente os professores e escritores Nilson Araújo e Paulo Cannabrava, entre outros amigos, terão muito a acrescentar.

Obrigada.

São Paulo, 06 de Março de 2008.

Paula Beiguelman é escritora, professora emérita do Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP e 1ª vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Homenagem ao Prof. Luiz Toledo Machado

A homenagem ao Prof. Luiz Toledo Machado, promovida pelo Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, foi realizada no dia 6 março, no auditório Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo.

A sessão solene foi presidida por Nilson Araújo de Souza, presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Estiveram presentes representantes da União Brasileira dos Escritores, do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, da Associação Brasileira para a Proteção da Propriedade Intelectual dos Jornalistas e da União Nacional de Estudantes Secundaristas.

O Prof. Luiz Toledo Machado foi agraciado com uma placa de prata, que foi entregue pela 2ª vice-presidente Rosani Abou Adal, com os seguintes dizeres:

HOMENAGEM

Ao Prof. Luiz Toledo Machado, fundador de nosso sindicato e símbolo do intelectual de vanguarda, da estirpe que pensa e faz, a nossa gratidão e reconhecimento por sua incansável luta por um Brasil justo, livre e soberano, pela valorização da cultura nacional e pelo respeito ao direito do autor.

São Paulo, 6 de março de 2008

Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo

O Fim das Livrarias

Cacildo Marques

São Paulo viveu neste mês de março mais uma morte de rede de livrarias, desta vez a Leia-Livros (sobrou apenas a unidade da Rua José Bonifácio). Uma semana depois a rede Saraiva comprou a rede Siciliano, que vinha reduzindo seu número de unidades há alguns anos.

O responsável pela redução das livrarias é o MEC. O PNLD, de 1986, provocou uma crise no mercado livreiro, mas ele em si não representava perigo de extinção de um tipo de negócio. Vinte anos depois, no entanto, o MEC decidiu acrescentar ao PNLD o programa de distribuição gratuita de livros do Ensino Médio. As livrarias, que faziam seu caixa no início do ano letivo, para se sustentar no resto do ano com vendas minguadas, perderam esse período de faturamento.

Para completar o quadro de desgraças das livrarias, os governos estadual e municipal em São Paulo decidiram distribuir cadernos e lápis para todos os alunos de escolas públicas, de modo que nem cadernos as lojas vendem mais.

Os pouquíssimos pais que compram livros para escolas particulares não são suficientes para garantir o lucro das lojas. Os livros para as particulares são caríssimos - em torno de R\$ 900,00 o conjunto para um aluno de uma série do ensino médio - e as compras são feitas através dos professores, que os adquirem nas editoras com desconto de 30%,

descartando mais uma vez a intermediação das livrarias.

Em São Paulo já estavam desaparecidas as redes Ediouro/Curió, Brasiliense, Belas-Artes e outras. Agora, além das três megastores Saraiva, Cultura e Fnac, e da rede Nobel de franquias, restam algumas livrarias jurídicas nas imediações do Largo São Francisco, a Livraria da Vila, a Hemus e a Cultrix/Pensamento, além das redes católicas (Loyola, Canção Nova e Vozes) e evangélicas. Nos bairros não há clientela para sustentar livrarias, sendo exceção a Livraria da Vila. No centro da cidade, o faturamento não paga o ponto. É dito que em Buenos Aires há mais livrarias que no Brasil inteiro, mas logo esse papel caberá apenas à Calle Florida.

Em 2007 foram feitas nove sugestões ao MEC para aperfeiçoar o PNLD, fazendo-o funcional (para ajudar na instrução) e criando mecanismos de sustentação das livrarias. As nove sugestões foram rejeitadas em carta, pelo assessor responsável pela área.

Algumas das medidas que o governo, através do MEC, precisa tomar para não matar as livrarias restantes com seu programa de gratuidade compulsória através do monopólio na indústria do livro didático são:

- 1) Proibição de entrega de livros novos na unidade escolar, substituindo esse sistema pelo sistema de tíquetes, que as escolas entregam aos pais, que passam a adquirir os livros nas livrarias.
- 2) Os tíquetes são fornecidos apenas aos pais que não possam

comprar e aos que, mesmo podendo, não queiram ter o livro em casa para além do ano letivo, ou do ciclo, em questão - incentiva-se, como programa educativo, a compra dos livros pelos pais que queiram ter livros em casa.

3) Uma pequena margem, de 5% a 10%, fica com o livreiro, como subsídio do governo à expansão das livrarias, sendo este um custo muito baixo, em comparação com o custo da destruição do comércio hoje praticado pela política monopsonica do MEC.

4) Compra de livros que tenham edições comuns para escolas públicas e privadas, proibindo-se aqueles com timbre impresso diferenciando-os dos livros das escolas privadas; os livros devem ter a mesma edição para os dois tipos de escola.

5) Os livros que forem adquiridos pelo PNLD e pelo PNLEM (ensino médio) são carimbados na escola no início do ano letivo (o tíquete deve ter um canhoto, que fica na escola, de modo que os funcionários possam identificar os livros do programa governamental).

6) Os livros do programa governamental em poder do aluno são recolhidos em julho e em dezembro, para que a idéia de empréstimo fique bem caracterizada.

7) Em caso de perda ou destruição do livro recebido pelo aluno, outro exemplar poderá e deverá ser comprado de imediato nas livrarias como substituição, coisa que hoje não pode ser feita.

8) No ensino médio deve-se dar prioridade aos volumes 3 em 1, que são mais baratos e mais práticos.

9) O prazo de validade para as edições deve ser de dez anos.

10) Deve-se retomar a cultura dos livros de capa dura, pelo menos dos livros 3 em 1 do ensino médio.

A saída, em termos de lei, para evitar a morte das livrarias, é proibir a doação direta de livros novos de programa governamental na unidade escolar, ficando permitida apenas a distribuição de tíquetes-livros e tíquetes-cadernos, de modo que estes materiais sejam adquiridos nas livrarias, e apenas nelas. Proíbe-se também o professor de agenciar compra de livros didáticos em colégios particulares, a menos que tenham CNPJ como livreiros. No tíquete que a escola recebe para distribuição aos pais de alunos deve vir impressos título, autor, série ou grau, edição e editora.

Fica a proposta para o parlamentar que julgar importante estancar o desaparecimento do comércio de livros no País. Todos os que escrevem livros e todos os que apreciam comprá-los precisam do trabalho do livreiro.

Cacildo Marques é escritor, músico e professor.

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

Tel.: (11) 6096-5716

portsonia@ig.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)
Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br
Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392
CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110
Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647
 - Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ **Estado:** _____

Bairro: _____ **CEP:** _____

E-mail: _____ ☐ _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00
Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 6693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Ruy Affonso e os Jograis de São Paulo

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior

Por quase seis décadas, Ruy Affonso, que dentre tantos méritos, foi um dos fundadores do TBC, Teatro Brasileiro de Comédia, em 1948, e criador dos *Jograis de São Paulo*, em 1955, deixou marca definitiva em nosso cenário artístico, não apenas como ator, mas também escritor, diretor e professor.

Formado em Direito pela Universidade de São Paulo, onde cursou também Filosofia, seu aprendizado teatral deu-se com a colaboração de destacados diretores estrangeiros que vieram ao Brasil na primeira metade do século XX, como Adolfo Celi, Luciano Salce e Ziembinski. Teve ainda o privilégio de ser orientado por Verá Korène Rognoni, da Comédie Française e pelo mímico Marcel Marceau.

Em 1955 criou os *Jograis de São Paulo*, conjunto formado por quatro atores, pelo qual passaram, em suas diversas formações, nomes como Rubens de Falco, Armando Bogus, Raul Cortez, Ítalo Rossi, Carlos Vergueiro, Homero Kosac e Fúlvio Stefanini, apresentando poesia, seja através de coral ou solos encadeados. Com o grupo excursionou por todo Brasil, Portugal, Angola, Moçambique e México.

Professor de Dicção e Interpretação, ministrou cursos em mais de uma dezena de instituições brasileiras, como Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Armando Álvares Penteado.

Na condição de conferencista passou, dentre outras, pela New York University, Università di Roma, Universidade de Coimbra e Universidad Autónoma de México, sempre difundindo a cultura luso-brasileira.

Autor de oito livros de poesia, *Rumo Enxuto* (1950), *Cinco Canções para Elizabeth* (1975), *Epigramas* (1959), *Romance da Rosa* (1962), *Sombra e Vento* (1966), *Contraponto Paulistano* (1969) e *Cancioneiro de um Jogral de São Paulo* (1985), que reúne os anteriores, despertou significativo interesse da crítica. Sobre *Rumo Enxuto* afirmou Miguel Torga tratar-se de “autêntica poesia”. Cecília Meireles, ao referir-se a *Cinco Canções para Elizabeth* disse: “Eu que conheço Elizabeth, sei que ela merece. Mesmo assim fiquei com muita inveja dela: nunca ninguém escre-

veu *Cinco Canções para Cecília...meus parabéns a você, Ruy Affonso, e todo meu carinho para sua musa*”. Péricles Eugênio da Silva Ramos destacou a “concisão lapidar” de *Epigramas*. Para Guilherme de Almeida “*Romance da Rosa* é dos poemas mais belos já surgidos em nossa língua”. Manuel Bandeira viu em *Sombra e Vento* “um coroamento poético, laboriosamente conquistado”. Almada Negreiros, enfático, disse: “Deslumbrei-me com o *Contraponto Paulistano*, com ele Ruy Affonso levou-me às mesmas paragens que me haviam levado a *Ode Marítima* do Fernando Pessoa e o *Coup de Dês* do Mallarmé.” E Cassiano Ricardo, a respeito de *Burlas Burlescas*, destacou



Ruy Affonso

“sua agilidade de espírito, seus ritmos, seus efeitos e todo seu artefazer levam o leitor a um paroxismo lúdico.”

Por muitos anos foi colaborador do *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, tendo publicado ainda o ensaio *Padronização da Prosódia Brasileira*, pelo Ministério da Educação e Cultura, em 1958.

Atuando ou dirigindo, esteve presente em dezenas de importantes montagens como *O Mentiroso*, de Goldoni, *Ralé*, de Gorki, *Amadeus*, de Peter Shaffer, *O Santo Milagroso*, de Lauro César Muniz, *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto e *As Bocas Inúteis*, de Simone de Beauvoir. Na Companhia Vera Cruz foi dirigido por Luciano Salce em *Uma Pulga na Balança*.

Integrando os *Jograis de São Paulo* ou sozinho, gravou doze discos, o primeiro intitulado *Moderna Poesia Brasileira*, em 1956 e o último, *Ruy Affonso diz Ruy Affonso*, em 2000, comemorando seus 80 anos, produzido por Alex Ribeiro.

Em plena atividade até o final da vida, a revista *Cult* publicou seu último texto no mês em que faleceu, junho de 2003, dedicado ao amigo Pedro Nava.

E hoje a história dos *Jograis de São Paulo* e sua discografia, produzidas ao longo de quase cinco décadas, podem ser acessadas virtualmente, através do site www.futurart.com.br/jograis.

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior é professor e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).

SIM AOS AFOGADOS

Mariana Ianelli

“Fala-se em vão de justiça, enquanto o maior dos navios de guerra não se despedaçar contra a frente de um afogado”. Paul Celan

Aqui não atravessamos o poema: somos por ele varados. Ficamos abertos, fendidos para o encontro, “vítimas vivas / do tempo”, no fogo ondulante entre o ainda-não e o não-mais. Somos passagem, sopro que anima o poema e dá vôo à grande Fênix que ele foi, é e será. Chegamos a esta clareira da presença, a este *Ainda-e-Sempre* de que falava Paul Celan, poeta de luz submersa em sombra, de quem Marcelo Ariel conhece a flor.

“Suavemente penetrei num jardim / onde a única árvore existe”, canta Ariel. Aqui estamos, onde o sonho se cristaliza, aqui nos encontramos, onde a orquídea do silêncio se arregaça, juntos colhemos da palavra o seu bastante: tudo o que lhe falta dizer.

Ariel, na sua “intuição selvagem”, escreveu uma vez que gostaria de pintar “apenas as nuvens, o mar e as folhas que caem no chão”. Misturadas as tintas e as águas, tempos depois, um raio explode no coração do mundo, como em uma das telas incendiárias de William Turner: o *Tratado dos anjos afogados*.

Se “nenhuma frase será capaz de traduzir / esse vítreo sentimento vasto” do poeta, há, no entanto, a música no fundo de uma voz que suplanta com o seu murmúrio de fonte o estrondo da barbárie, o horror humano, a obscuridade; há um outro sol absoluto se imiscuindo nos vãos da vida transbordada; há o mais além dos nomes, o mistério latente no poema, a ponto de ser amado. Pois amemos, sem desunir luz e sombra.

Movido pela metamorfose, algo lamentavelmente raro na poesia contemporânea, Ariel se fantasmagoriza, transmutado em ninguém, e, moldando sua matéria de sonho, silêncio e saudade com um pincel de bruma, torna-se Ulisses diante do ciclope: “qualquer homem pode ser Ulisses / caminhando na praia ao entardecer / Se na gruta de si mesmo ecoa em tudo / a pergunta do ciclope-mundo”.

Contra a navalhada cotidiana, vai o poeta rasgando o espaço escuro com um “*diamante (...) capaz de reconhecer a alma ou seja a terrível gratuidade da beleza*” e, por essa abertura afogueada, também ele se abre em plena transparência para “o encontro de uma autêntica *fília*”. Assim trespassado pelo poema, Ariel elide o “espelho dos distanciamentos” e convoca o espírito para além da palavra *espírito*, o amor para além da palavra *amor*, no “azul / feito de gelo / flamejante”. Trespasados também ficamos nós, pelo afeto, feridos, sim, por essa chaga de estrelas dentro da noite.

E essa chaga pode iluminar-se bem ali, no canto do poeta, como de fato se ilumina, mal contida entre parênteses: “(Ainda estou no açougue-presídio, a chegada da tropa de choque não me acordou do metafísico)”. Balas perdidas, chacinhas, granadas, valas escancaradas, e Ariel põe Simone Weil a pensar. O inferno se alastra? Pois o poeta de Cubatão caminha por ele, e sonha: “penso, logo, sonho: / (...) Sonho que não existo... / Sonho com Baudelaire me dizendo que: ‘*A vida humana vale menos do que uma fábula de Akutagawa*’, / Sonho com Jorge de Lima lendo ‘*A Invenção de Orfeu*’ para Brian Wilson, / Sonho que sou um peixe de gelo / e lentamente me transformo em um peixe de fogo, / Sonho que acordo e não me lembro onde deixei meu corpo”.

Em um dos diálogos estelares deste *Tratado*, conversam Francis Ponge e Paul Celan. E se imaginássemos o diálogo possível entre Celan e Ariel? Talvez ambos se calassem, simplesmente. Mas no olho do silêncio, em meio à insistente negativa do mundo, nosso poeta guardaria “algo / melhor do que uma resposta”: sim aos afogados, contra os quais o maior dos navios de guerra não se despedaçou.

Mariana Ianelli é jornalista, poeta e mestre em Literatura e Crítica Literária, autora dos livros *Trajetória de antes* (1999), *Duas Chagas* (2001), *Passagens* (2003), *Fazer Silêncio* (2005) e *Almádena* (2007) – todos pela Editora Iluminuras, SP.



S e b o

Livraria Brandão

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos) Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/ oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

A INVASÃO: POLISSEMIA, HISTÓRIA E DENSIDADE NARRATIVA NA OBRA DE RODOLFO KONDER

Beatriz Amaral

“A abadia fora erguida de tal maneira que funcionava como uma câmara de eco. Das celas, ouvia-se nitidamente as vozes da noite. Antes delas, o silêncio era denso, assustador. Mas logo chegavam os grilos, os ratos, e o vento assobiava, cruzando o vale a galope. Naquela noite, uma voz estranha percorreu os corredores empoeirados, como coisa viva.”

(‘O tigre que meditava’, Rodolfo Konder)

Cada novo livro de Rodolfo Konder descortina faces diversas do premiado autor que, desde o início dos anos setenta, esculpe obra literária complexa, erigida pela conjugação entre a habilidade narrativa, a visão crítica da história política brasileira e universal – que testemunhou nas vísceras – e uma intensa capacidade reflexiva, rara tanto a jornalistas quanto a escritores de ficção.

Neste plano híbrido muito bem fertilizado por vasta cultura e experiência profissional (de jornalista, homem público, líder sindical, dirigente da Anistia Internacional - Seção Brasileira, Secretário de Cultura de São Paulo), Konder desenhava suas melhores narrativas, breves contos tecidos com a elegância de um mestre, retratos da segunda metade do século vinte, dos longos períodos de arbítrio e autoritarismo nos países latino-americanos, das crenças nas utopias socialistas, da violência e da tortura, da audácia, da fragilidade e da angústia, da difícil luta pela liberdade - *guerra permanente de todo ser humano lúcido* – da queda das ditaduras européias, das crises de consciência, do valor da pluralidade e do estado de direito.

Recortes de uma paisagem caleidoscópica entrelaçados pelo rico tear da memória, estes fios caudalosos de vida seguem o fluxo do rio-palavra, alimentam-se ao mesmo tempo do plâncton da concretude e da matéria onírica e são agora reunidos no antológico livro *“A INVASÃO”* (RG Editores, São Paulo, 2008, 192 p). Contos antes inseridos em revistas ou nos primeiros livros do autor (*Cadeia para os mortos, de 1977, e Tempo de ameaça, de 1978*, ambos completamente esgotados há tempos), e outros mais recentes tornam-se, agora, disponíveis para os leitores de todas as idades, que poderão fruir o texto metafórico, musical e deliciosamente polissêmico de Rodolfo Konder.

A força narrativa desta seleção de contos reside na linguagem de alta dosagem figurativa que, conquanto centrada no relato e na análise de acontecimentos quase sempre verídicos, históricos ou pessoais, instaura processos de auto-reflexão – em especial sobre ética e dignidade - de incontestável pertinência e extrema relevância para

todo pensador de nosso tempo, e, concomitantemente, comove o leitor, atraindo-o para a teia de acontecimentos densos e plurissignificativos vividos pelas várias personagens que habitam o texto.

Konder demonstra sua habilidade de prosador ao alternar o foco narrativo, empregando a primeira pessoa em vários destes seus contos, entre os quais *“A Invasão”* (1 - que nomeia o volume), *“As teias da amargura”* (que o encerra) e *“Hóspede da Solidão”* (extraído do livro homônimo que conferiu ao autor o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, em 2001). Inserindo-se na tessitura narrativa – como personagem que cria o enredo ou é por ele esmagado – o contista atinge um singular nível de comunhão com o leitor. É possível viver a experiência do protagonista até mesmo sinestesticamente, pelo tato, pelo olfato, pelos ruídos desprezíveis da violência que derruba, pisoteia e provoca cataclismos na alma do leitor. E este, mais do que cúmplice, converte-se em parceiro do narrador.

Nos contos escritos em terceira pessoa, como *“Pedro Ramiro”*, *“O tigre que meditava”*, e *“A cidade de gelo”*, o ficcionista não abre mão das tintas estilísticas que o caracterizam, mas dá amplitude à voz do humanista, crítico feroz da banalidade de nossa era, dos desvarios do poder cego e do apogeu de mediocridade. Nestes momentos, a palavra de Konder ferve, buscando combater a barbárie, as injustiças e as mazelas da sociedade contemporânea. Sarcástico, pinta personagens históricas vis com hipóboles e cores superlativas: dá-lhes a dimensão de bestialidade que merecem. Elegante, enaltece a nobreza dos verdadeiros líderes, no jogo estético e estilístico inconfundível que marca sua trajetória de pensador-criador, num traço que se alterna entre o poético, o político e o profético.

Há uma pergunta *schilleriana* pairando nas indagações de Konder: por que a barbárie ainda se consuma em nossos dias e o Estado não consegue erradicá-la? Há a crítica aguda e impiedosa ao poder ditatorial de indivíduos ou grupos oligárquicos. E há o espanto que se veste com matizes do que de melhor o realismo mágico nos legou. A singularidade da voz metafórica de Konder se expande em trechos como:

“Depois, foi a vez das rãs. Acreditam ou não, mais de dois milhões, quando deixaram as águas do lago e os pântanos em volta. Marchavam com a disciplina de milícias, levantando uma nuvem de poeira que podia ser vista da

provincia vizinha, a mais de dez quilômetros dali. Mesmo os animais de grande porte sentiram-se aterrorizados diante daquele estranho exército” (*De volta, os canibais*, p. 123).

Também se destacam contos escritos em segunda pessoa, foco narrativo raramente empregado na literatura (Michel Butor foi adepto deste ponto de vista narrativo), mas que, bem utilizado, redundando no chamamento visceral do ser/leitor a ouvir o ser/narrador e com ele dialogar, num plano integrado, a sentar-se diante dele, partilhar do aconchego de sua casa, tomar uma xícara de café

ou de chá em sua companhia, na doce intimidade de uma tarde chuvosa, partilhar mágoas secretas, no abandono dos desenhos cobertos de penumbra ou na aflição dos gestos inúteis entrevistados pelo sequestro da liberdade. Verso e reverso. Jogo de palavras, espelhos, alteridade.

Exemplo máximo desta técnica se vê num dos mais antigos textos do volume. Escrito em castelhano, na cidade de Buenos Aires, em 1972, o conto intitulado *“Cuarentena”*, abre-se com uma frase curta, porém, eloquente: *“Oyes ei llanto nervioso de tu mujer”*. E prossegue, envolvendo o leitor no pensamento do protagonista, que é o tu: *“Piensas en el niño que va a nacer, em el parto de tu primer hijo...”*. Drama particular de um exilado, ou de todos os exilados, refugiados políticos, num momento histórico que se reiterou e se alastrou naqueles anos como um vírus de altíssima potência em nosso maltratado continente americano. Drama universal, indubitavelmente. Aliás, cumpre consignar que o segundo livro de Konder, *“Tempo de Ameaça”* (Alfa Ômega, 1978), que se apresenta com o sub-título *“a autobiografia de um exilado”* é inteiramente escrito no foco narrativo de segunda pessoa.

Mover, co-mover, refletir, indiciar, narrar, contar, descrever, retratar, desenhar, delinear, fotografar, são apenas alguns dos verbos conjugados por Rodolfo Konder nesta sua preciosa escritura, concisa e inventiva. Aulas de história sem ranços de didatismo. Comoção e sensibilidade sem pieguismos. Tudo no tom certo, na medida exata, na perfeita dimensão da literariedade que se renova e se reinventa, a cada frase.

Analisando os gêneros literários, escreve Angélica Soares, sobre o conto: *“Quando mais concentrado, mais se caracteriza como arte de sugestão, resultante de rigoroso trabalho de seleção e de harmonização dos elementos se-*

leccionados e de ênfase no essencial” (2). A esta prescrição teórica, responde com excelência todo o conjunto que integra o volume *“A Invasão”*. As qualidades estilísticas de Konder, entre as quais se sobressaem a poeticidade da linguagem e o ritmo preciso, são aliadas da essência plena de sua obra: a reflexão crítica humanista, a camada filosófica, a reconstrução da história.

Como bem pondera a crítica e ensaísta Vera Lins, ao discorrer sobre literatura e jornalismo, e sobre a crítica de arte:

“Toda forma é juízo de valor sobre a vida. Há um elemento crítico em toda obra criadora: o momento crítico da experiência estética concentra-se no limiar da forma artística com a reflexão filosófica.” (3)

Sim, pássaros e livros rondam memórias, nestas narrativas breves do mestre Rodolfo Konder, em que o máximo se adensa e se condensa. Para o exercício do verbo, as asas da concretude. Para as mãos que descortinam páginas, o relicário índigo do futuro, a argamassa de um espírito livre e criativo, com alicerces estéticos e o indispensável sopro da invenção. Porque onde houver pássaros, haverá música.

Ou, para dizer com o próprio Konder, *“Durante o que resta da noite, uma vez mais, todos serão um só: homens, animais, pedras – e a montanha, da qual receberão a memória irrevogável de todos os dias já transcorridos e a lucidez bravia de quem constrói e liberdade. De manhã, às margens do Apurimac, junto às suas águas arrojadas, os combatentes dirão: somos este rio.”* (*“A seita – um fábula andina”*).

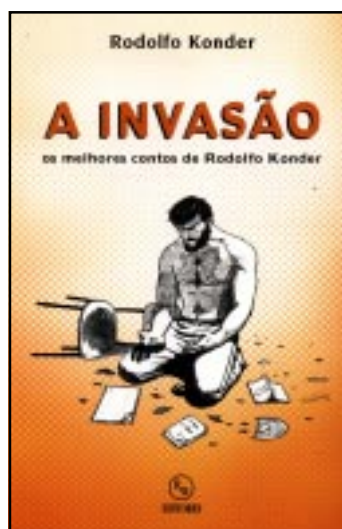
(1) *“A Invasão”* recebeu a brilhante interpretação do ator Lázaro Ramos na série *“Contos da meia-noite”*, projeto iniciado em 2003 pela Rede Cultura de Televisão e que contemplava a leitura de obras de autores consagrados como Machado de Assis, Dalton Trevisan, Clarice Lispector, Antônio Alcântara Machado, entre outros, por alguns de nossos mais destacados atores, como Marília Pêra, Matheus Nachtergaele, Maria Luiza Mendonça, Walmor Chagas, Giulia Gam, Antônio Abujamra, Beth Goulart.

(2) *“Gêneros literários”* (Ática, São Paulo, 6ª edição, 2002).

(3) *“A crítica de arte e o jornal”*, Suplemento Literário de Minas Gerais, ed. 1305, setembro/2007.

Lançamento: A INVASÃO – Rodolfo Konder (RG Editores, São Paulo 2008, 192 p.) RG Editores: 3105-1743.

BEATRIZ AMARAL é Mestre em Literatura e Crítica Literária, pela PUC-SP, musicista e escritora, publicou nove livros, entre os quais *PLANAGEM* (Massao Ohno, São Paulo, 1998) e *LUAS DE JÚPITER* (Anome, Belo Horizonte, 2007).



CENTAUROS NO JARDIM

Raquel Naveira

Não há melhor imagem para o conflito da natureza masculina do que o centauro: homem e cavalo, razão e instinto, delicadeza e brutalidade. Amor imoderado pelo vinho, pela carne e pelas mulheres. Virilidade contida. Sabedoria incompreendida. Natureza monstruosa e selvagem que não se pode reprimir.

Moacyr Scliar, o médico e escritor gaúcho, escreveu um romance com esse título lindo: *Centauro no Jardim*. O livro conta a história do centauro Guedali, nascido no interior do Rio Grande do Sul, filho de uma pacata família de imigrantes judeus russos. Guedali cresce solitário, excluído e o isolamento o leva ao hábito da leitura. Inteligente, sensível e culto, é ele quem conduz a narrativa de realismo fantástico feita a partir do dia de seu 38º aniversário, comemorado entre amigos. A figura do centauro ilustra a divisão étnica e religiosa dos judeus, um povo perseguido por sua singularidade. O uso dizer que o centauro é um alter-ego de Moacyr Scliar, ele mesmo judeu, ávido leitor, que galopa por paisagens de mistério e magia.

Em meu poema "Amor Mitológico", imaginei o amor entre uma ninfa e um centauro para exemplificar as dificuldades do relacionamento homem/mulher. O poema ficou assim: "Sou uma ninfa menina, / Dessas que habitam o oco das árvores / E enfeitam os cabelos com boninas, / Sou simples e delicada, / Quase não falo, / Prefiro tocar flauta / E sentir paz quando me calo, / Mas qual não foi a minha sina, / Apaixonar-me por um centauro / Que corria disparado na ravina! / Era linda a sua crina dourada, / O seu torso de

homem claro / E seu faro logo me descobriu / Como se eu fosse uma égua na baía, / Por mais que eu deseje que esta paixão saia, / Ela me domina: / Fogo que veio no vento, / No sopro de suas narinas, / Quando eu o quero manso e angélico, / Ele é bruto / e me bate com os cascos; / Quando eu o quero viril e bélico, / Ele larga o arco / E me afaga com palavras doces / E desde então / Vivo vagando pela campina / Com o corpo doído / E a alma machucada / Pois nunca pensei que fosse tão difícil / Amar ou ser amada."

Lendo *A Arte da Poesia*, do poeta Ezra Pound, encontro uma definição incrível de poesia: "A poesia é um centauro. A faculdade intelectual e aclaradora que articula palavras deve movimentar-se e saltar juntamente com as faculdades energéticas, sensitivas e musicais." Escrevi então este poema: "O poeta é um centauro: / A mente de homem / Aclara idéias, / Articula palavras / E as pernas de cavalo, / Cheias de energia, / Saltam no ímpeto da emoção. // O poeta

é um centauro: / Alimenta-se de carne crua, / Bebe vinho, / Embriga-se / E depois chora / Arrepentido / Fazendo brotar fontes / Com a pancada de seus cascos. // O poeta é um centauro: / Uma força bruta, / Que rapta, / Violenta, / Cega / E depois se põe a serviço / Do bom combate."

Dante Milano, poeta carioca modernista, que sabe como expressar a dor da existência, escreveu um poema chamado "Fuga do Centauro". O "centauro" surpreende a mulher, mistura de santa e prostituta, com um embate impiedoso, cheio de luta e prazer. Terminado o ato sexual, ela, carente, com lágrimas na face, implora que ele fique, que não a abandone, mas ele

foge. Transcrevo trecho: "Fui beijá-la e dei dentadas. / Havia sangue em seu gosto. / Espanquei-a com carícias, / Massacrei-a de delícias. / Arrastei-lhe o corpo exposto, / Nua, o gesto descomposto, / E pus-lhe as patas no rosto. / Ela dava gargalhadas."

E agora recebo esse livro lindo e emocionante de poemas: *A Infância do Centauro*, do jornalista alagoano, radicado na Bahia, José Inácio Vieira de Melo. Quantas surpresas! Quantos "ninhos de centauros"! Como o poeta é um centauro: galopa, galopa, galopa, transcendendo a ele mesmo e às suas explicações. O poeta galopa o território de sua infância, a sua principal metafísica. Caminha pelas ruas da Bahia, conduzindo seu filho Moisés, reconhecendo seu próprio pai na memória da íris de seu filho. E oferece a ele a sua herança de centauro.

Em outro ponto, o sensual centauro declara: "Vinde, minhas éguas, luzindo na imensidão! / No ritmo de vossas ancas é que se inaugura / A saga do meu império e os nomes do meu nome: Cavaleiro de Fogo, Centauro Escarlate." Poesia pura, feita de músculos, pegada, coração e melancolia de centauro.

Centauros e poetas são mesmo temíveis aos mortais.

BIBLIOGRAFIA: SCLIAR, Moacyr. *Centauro no Jardim*. São Paulo: Cia das Letras; NAVEIRA, Raquel. *Via Sacra*. Campo Grande/MS: Sergraph, 1981; *Portão de Ferro*. São Paulo: Escrituras, 2006; MILANO, Dante. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; POUND, Ezra. *A Arte da Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1991; MELO, José Inácio Vieira de. *A Infância do Centauro*. São Paulo: Escrituras, 2007.

Raquel Naveira é escritora, Poetisa, ensaísta, professora universitária e graduada em Letras e Direito.

Flor batizada

Débora Novaes de Castro

*Menina dengosa,
dos laços de fita,
dize o teu nome,
Daniella, Magali,
Ana, Maria, Soraya,
dize-o, festiva,
com gosto de amora,
Ana Paula, Rosani,
Elvira, Dináura...*

*Menina de tranças,
da face formosa,
dize o teu nome,
Amanda, Thais,
Márcia, Isabelle,
dize-o depressa,
o tempo tem pressa,
enreda teus sonhos,
sonhos de amor...*

*Menina feitiço
ébano, lírio, canela,
se por capricho
e mimos de flor,
não dizes teu nome
de flor batizada,
na natureza,
teu nome é
M u l h e r !*

8 de março – Dia Internacional da Mulherano 2008

Débora Novaes de Castro, escritora, crítica literária, é acadêmica das ACL - Academia Cristã de Letras-SP e APEL-Academia Paulista Evangélica de Letras-SP; pertence à UBE-União Brasileira de Escritores- SP, REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras, e outras entidades da cultura. Contato: debora_nc@uol.com.br



Moacyr Scliar

A Secretaria de Estado de Cultura e a Biblioteca Nacional de Brasília convidam para o

TRIBUTAO POETA

ANDERSON BRAGA HORTA
Recital-conferência por José Jeronymo Rivera

Data: 28 de março de 2008
Horário: 19h
Local: Auditório da Biblioteca Nacional de Brasília

Especializada em importação direta de livros portugueses.



Livros de todas as áreas de editoras portuguesas, Cds, artesanato e galeria de arte.

Desconto de 10% para advogados, juristas, professores e estudantes.

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais. Prazo de entrega: 15 dias.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP
E-mail: livrariacoimbra.pt@ig.com.br
Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105

“SELVAGENS” INVADEM A PAULISTA

Três livros de poesia serão lançados, de uma só vez, pelo novo selo editorial LETRASSELVAGEM (www.letraselvagem.com.br). O evento acontecerá no dia 10 de abril, a partir das 19 horas, na Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, Av. Paulista, 37, em São Paulo.

Será um verdadeiro encontro de gerações da Literatura Brasileira. Ao lado de autores novos, como Marcelo Ariel, que faz sua estréia em livro com *Tratado dos Anjos Afogados*, e Eivaldo de Jesus Teixeira, com *O Homem Deserto Sob o Sol*, a consagrada poeta Olga Savary autografará seu 19º livro, de poesia: *Anima Anima Animalis – Voz de Bichos Brasileiros*.



Olga Savary

Os livros integram a coleção *Sentimento do Mundo*, organizada pelo romancista Nicodemos Sena, para quem o termo “selvagem” tem mais a ver com a “selva selvaggia” a que se referiu Dante, do que ao mero ambiente geográfico. “Ser autor

selvagem independe da origem ou da história pessoal do autor; significa simplesmente que este encontrou a forma não apenas mais eficaz, mas também mais justa, para expressar em palavras a postura de permanente vigilância e rebeldia que deve ter o artista em face da vida e da literatura”.

O Prêmio Jabuti está com inscrições abertas

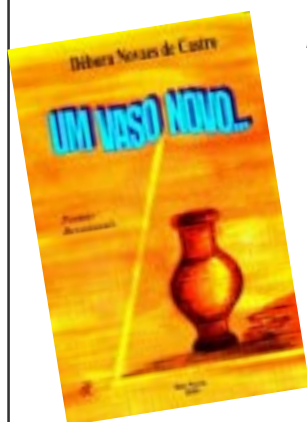
O Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira, está com inscrição abertas até o dia 15 de maio. As inscrições poderão ser feitas pelo autor, ilustrador, tradutor, produtor e gráfico. São vinte categorias de obras inéditas, editadas no Brasil, entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2007.

O primeiro lugar, em cada categoria, receberá um troféu e um prêmio no valor de R\$3.000,00 (três mil reais), sendo deduzidos os encargos legais.

A taxa de inscrição, por obra e categoria, para associados da CBL, é no valor de R\$165,00 (cento e sessenta e cinco reais) e, para não sócios, é R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais). Para as coleções, a taxa é de R\$220,00 (duzentos e vinte reais) para associados da CBL e, para não-associados, R\$330,00 (trezentos e trinta reais).

O regulamento e a ficha de inscrição estão disponíveis no site www.premiojabuti.org.br - Informações na Câmara Brasileira do Livro pelo telefone (11) 3069-1300.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS – ALJÔFARES – SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS –

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

Sobre “ O Tamanho da Vida”

Maria Lúcia Silveira Rangel

Os minicontos de Djanira Pio espalhados por revistas e jornais, agora recolhidos em um volume - *O Tamanho da Vida* - atestam novas tendências do conto tradicional, literariamente não limitado, no que se refere à síntese, sem perda do domínio da linguagem, tarefa da qual a autora se sai com galhardia, por sua experiência como contista.

O Tamanho da Vida- o título e a capa sugestivos expõem a profundidade existencial.

O amor, a morte, a vida são tratados, além de outros temas - a chuva, o vento, a árvore e a flor.

Todas as considerações impregnadas de uma certa melancolia inerente à condição humana, devido às impossibilidades, às decepções, às mudanças, aos sonhos desfeitos...

Sobretudo ao destino e à casualidade, enredando as criaturas em situações paradoxais que chegam ao trágico.

Desta fatia de vida, feita em termos simples mas pertinentes, extraímos:

“Por isso continuou onde sempre estivera, no cárcere”. P. 27.

“Mas Deus está muito próximo para que encontremos a solução tão longe”. P. 29.

“Desconsolada foi com seus cabelos brancos presos pelo laço de fitas, como as asas de uma borboleta aquietada”. P. 60.

“Não sabiam que o tempo não oferece nova chance”. P. 74.

Por vezes se acentua o lirismo, conferindo os parágrafos um traço de prosa poética. Como exemplo temos: Páginas 96, 84, 73, 45, 40 e 17.

Enfim, uma leitura amena, com poucas palavras, que deslizam entre linhas, aparentemente sem novidades, mas repletas de subentendidos.

Um livro que depois de lido deve ser meditado.

Maria Lúcia Silveira Rangel é escritora e crítica literária.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

1- Escolha a correta quanto à flexão nominal:

a- Os guarda-civis ganharam dois guardas-chuvas.

b- Comi dois pés-de-moleques.

c- Comprei várias flores-de-maios.

d- Os bem-te-vis estão cantando.

e- Os altos-falantes estão ligados.

R.: d- bem-te-vi é uma onomatopéia, portanto flexiona-se só o último elemento.

Correção:

a- guardas-civis e guarda-chuvas.

b- pés-de-moleque.

c- flores-de-maio.

e- alto-falantes.

2 – Assinale a correta:

a- Estou quites com a polícia.

b- Ela está meia brava.

c- Os livros seguem anexa à porta.

d- Ela disse: obrigada.

e- É meio-dia e meio.

R.: d- Obrigado concorda com o sujeito da oração.

Correção:

a- Estou quite.

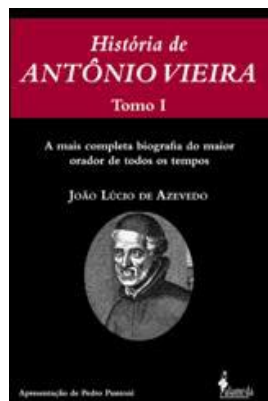
b- meio = mais ou menos é invariável.

c- Anexos – concorda com o sujeito.

e- meio-dia e meia – concorda com hora.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. E-mail: portsonia@ig.com.br

Livros e Lançamentos



História de Antônio Vieira, de João Lúcio de Azevedo, Alameda Casa Editorial, São Paulo, 900 páginas. A obra, que contém uma caixa com dois livros, dá continuidade ao projeto de trazer ao público brasileiro a obra de João Lúcio de Azevedo, iniciada com a publicação de outro clássico, *O Marquês de Pombal e a sua época*. O autor (1855-1933), um dos maiores historiadores portugueses do século XX, é autor de clássicos como *O marquês de Pombal e sua época* e *História dos cristãos-novos portugueses*. **Alameda Casa Editorial:** R. Ministro Ferreira Alves, 108 - São Paulo - SP- 05021-010. Tel.: (11) 3862-0850. - alameda@alamedaeditorial.com.br

Alrededor de las horas, poemas de Maria de Lourdes Alba, tradução de Tirzah Ribeiro, Abrace Editora, Uruguay. A autora, escritora e poeta, foi agraciada com Menção Honrosa no *Prêmio de Poesia Centenário de Carminha Gouthier* da Academia Mineira de Letras, com o livro *Gotas na Face*. A obra *Ao Redor das Horas*, lançada em 1999, pela Scortecci Editora, foi traduzida para o espanhol na íntegra, inclusive o prefácio de Caio Porfírio Carneiro. **Abrace:** abracecultura@abracecultura.com - abrace@internet.com.uy - www.abracecultra.com



Patatas na Europa, de Antonio F. Costella, Ediouro, 365 páginas, Rio de Janeiro. Costella é autor de mais de trinta livros sobre Comunicação e Artes, de ficção e poesia. Proprietário da Editora Mantiqueira publicou, de 1992 a 2000, editou através da sua empresa quatro livros narrados pelo cão Chiquinho: *Patatas na Europa*, *Patatas 2 – A viagem continua*, *Patatas 3 – Ossos de Pizza* e *Patatas 4 – A Odisséia final*, e mais um pequeno volume em homenagem ao cão-narrador, denominado *Vida de Cachorro – biografia não autorizada*. O livro *Patatas na Europa*, lançado Ediouro, resulta da soma desses cinco livros, especialmente concatenados, reescritos e revisados pelo autor. **Ediouro:** Tel.: (21) 3882-8416. www.ediouro.com.br

Para um jornalismo responsável – A Revolução Cultural necessária, de Paulo Cannabrava Filho, APIJOR, São Paulo, 40 páginas. O autor é jornalista e sócio fundador e presidente do conselho diretor da Associação Brasileira de Propriedade Intelectual dos Jornalistas. O livro, publicado com o apoio da Nova Sociedade Comunicação e da Cortez Editora, reúne artigos, conferências e diálogos com jovens e o presidente da entidade. **APIJOR:** Tel.: (11) 3865-3292. Site: www.autor.org.br



O VOLUME DO SILÊNCIO DE CARRASCOZA

Ely Vieitez Lisboa

A primeira referência que tive de João Anzanello Carrascoza foi ao tomar ciência que ele obtivera o terceiro lugar no concurso *Prêmio Jabuti-2007*, categoria Crônicas e Contos. Descobri, posteriormente, mais de duas dezenas de páginas na Internet, onde se constata uma obra de fôlego do autor.

Após a leitura cuidadosa de "O Volume do Silêncio" (Ed. Cosac Naify, 2006) e conhecendo o teor literário desse magnífico livro de contos, coloca-se em dúvida o julgamento do famoso *Prêmio Jabuti* que deu o primeiro lugar, no gênero crônicas e contos, ao livro "Resmungos", de Ferreira Gullar, com textos já publicados no jornal **Folha de S.Paulo** e o segundo, a "A Casa de minha Vó e Outros Contos Exóticos", de Artur Oscar Lopes, que custeou a própria edição. O possível engano não é por falta de merecimento dos primeiros lugares, mas o erro inicia-se com a junção dos dois gêneros. Que nível de conhecimento literário teria a Banca, para dar a Carrascoza o terceiro lugar no gênero contos (aliás, o segundo), quando estamos, sem dúvida, diante de um dos melhores contistas da Literatura Brasileira?

Não é simples entusiasmo ou julgamento descuidado, mas em literatura os valores maiores são: criatividade, originalidade, estilo diferente do autor que se sobressai pelo novo da forma, visto que o conteúdo, o episódio, nada é muito original há séculos. Carrascoza impressiona como mestre da linguagem, que usa como instrumento hábil, para dissecar o cotidiano, até às regiões mais esconsas. Ele narra o que não se vê e apenas ele, como um demiurgo do dia-a-dia, magicamente, percebe. As tramas dos seus contos são quase nulas: uma viagem do menino com o pai, a visita à mãe, à avó, autodescoberta de um casal na sua intimidade, um crime, relação entre irmão e irmã, enfim, como diz Nelson de Oliveira, no seu arguto posfácio, Carrascoza é puro talen-

to (algo inato), cujos contos, no início, tinham algo de Cortázar e Rubem Fonseca; com o desaparecimento do sexo e violência nos seus enfoques, à procura do seu próprio estilo, chegou a uma ficção modelar, uma sensibilidade elegíaca triste e deslumbrante.

Perfeccionista, JAC consegue criar epifanias da vida cotidiana, eliminando o vazio entre as solidões das personagens. Ele se envereda por meandros das almas e dos acontecimentos, a morte, as perdas, em descobertas inacreditáveis, uma realidade que só os olhos do autor captam. O grande crítico literário Alfredo Bosi reafirma as características precípua dos contos de Carrascoza, citando epifania, encontro e silêncio.

E para o encantamento do leitor mais exigente, há a linguagem plena de metáforas inusitadas, procedimentos literários interessantes, como incursões no futuro, descobertas novas diante da pretensa normalidade dos episódios, finais abertos e inesperados, tragicidade, até ruptura deliberada da forma, como no conto Poente, ousadas repetições estilísticas, uso da metalinguagem e a técnica das mensagens subliminares, com rara perfeição. Dois contos se realçam, um, "Travessia", pela trama atraente, um suspense com final aberto, pleno de esperança. O outro, "Meu amigo João", conto notável, alicerçado em alusões bíblicas, verdadeira alegoria justificada fortemente pela onomástica.

Enfim, o que realmente mais impressiona no autor é o seu conhecimento da língua, a criatividade, a capacidade de recriar, tirando flashes da existência, aparentemente do nada e criando mundos. Ele, nos contos, faz do cotidiano, dos episódios mais simples da vida, uma descoberta mágica e sem fim, ratificando a complexidade dos homens em suas relações aparentemente banais. Após ler "O Volume do Silêncio", confirma-se a veracidade dos mistérios abissais dos seres humanos.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 - São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589

Moda *Belíssima*
Com qualidade e elegância

**Roupa
Européia**

Av. São Luís, 218 – 01046-000 – São Paulo – SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105



Ruth Rocha

Ruth Rocha tomará posse na Academia Paulista de Letras, no dia 27 de março de 2008, às 18h30, no Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE Espaço Sociocultural - R. Tabapuã, 445, em São Paulo. A autora, que ocupará a cadeira nº. 38, será recebida pela acadêmica Anna Maria Martins.

Antônio Temóteo proferirá a palestra *A poetisa Maria Braga Horta*, no dia 27 de março de 2008, quinta-feira, às 20 horas, no Auditório da ANE, SEP SUL 707/907, em Brasília.

J.B. Donadon-Leal é o novo Membro Efetivo da Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores - AVSPE - SC, que é presidida por Daniel Cristal. Site: www.avspe.eti.br

Andréia Donadon Leal (Déia Leal) tomará posse na Academia de Letras do Rio de Janeiro - Cidade Maravilhosa, no dia 4 de abril de 2008, às 16h, no auditório "J. E. Pizarro Drummond" da Confederação das Academias de Letras e Artes do Brasil - Confalb, Rua Teixeira de Freitas nº5, 3º andar, sala 303, no Rio de Janeiro.

A I Bienal Internacional de Poesia de Brasília, que acontece juntamente com a 27ª Feira do Livro de Brasília, acontecerá de 3 a 7 de setembro. Informações através do Site: www.bienaldepoesia.unb.br/

O Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa 2008 está com inscrições abertas até o dia 30 de março para livros, escritos originalmente em língua portuguesa, cuja primeira edição no Brasil foi publicada entre 1 de janeiro de e 31 de dezembro de 2007.

O Museu do Escritor, inaugurado na Cidade do México, idealizado pela Fundação de René Avilés, reúne primeiras edições de autores como Gabriel García Márquez, José Saramago e Edgar Allan Poe e cerca de 250 cartas, gravações, quadros e fotografias originais.

A Bolsa e a Vida, reunião de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, foi lançada pela Editora Record.

Notícias

O 12º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa acontecerá na PUC-SP, nos dias 1, 2 e 3 de maio, Rua Monte Alegre, 984, em São Paulo. O evento tem como objetivo promover a participação na comunidade acadêmica de todos os profissionais interessados na área de linguagem, divulgar pesquisas na área de língua portuguesa e fomentar as reflexões sobre as atuais tendências dos estudos e contribuir para o aperfeiçoamento dos professores de Língua Portuguesa. Informações pelo *tel.:* (11) 3862-7640. E-mail ippucsp@pucsp.br

Produção Visual e Gráfica para Produtos Editoriais, curso promovido pela Escola do Livro, ministrado por Antonio Celso Collaro, acontecerá nos dias 7, 8, 9 e 11 de abril, das 17:30 às 20:30 horas, Rua Cristiano Viana, 91, em São Paulo. Informações pelo *telefone:* (11) 3069-1300 ou através do e-mail: escoladolivro@cbl.org.br

A Polícia Civil recuperou, no dia 27 de março, uma carga de livros didáticos do governo federal que foi roubada. O material, avaliado em R\$ 230 mil, foi encontrado em um galpão no bairro Riacho das Pedras, em Contagem (MG).

William Buckley, escritor, comentarista norte-americano e fundador da *National Review*, faleceu aos 82 anos, no dia 27 de março.

Betty Milan lançou o livro de crônicas *Quando Paris cintila*, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional. Na ocasião, o diretor teatral José Celso Martinez Corrêa leu trechos do livro.

A 3ª BIENAL DO LIVRO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO acontecerá de 9 a 18 de maio, das 10 às 21 horas, na Praça Cívica, Av. Philadelpho Gouveia Netto. Informações pelo *tel.:* (11) 3722-4722 ou no site www.mtseventos.com.br

Claudio Willer defenderá a tese de doutorado intitulada *Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna*, no dia 28 de março, às 14 horas, no prédio da Administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, na Cidade Universitária.

O Vendedor de Livros e o Distribuidor - como unir esforços e trabalhar as oportunidades, curso ministrado por Flávio Galvão, acontecerá na Escola do Escritor, no dia 29 de março de 2008, das 9 às 13 horas, Rua Dep. Lacerda Franco, 165, em São Paulo. Informações pelo *tel.:* (11) 3813-8987. Site: www.escoladoescritor.com.br

A Arte de Escrever e Publicar um Livro, curso ministrado por João Scortecci e Maria Esther M. Perfetti, acontecerá dia 26 de abril, das 9 às 13 horas, na Escola do Escritor, Rua Dep. Lacerda Franco, 165, em São Paulo. Informações pelo *telex:* (11) 3813-8987. Site: www.escoladoescritor.com.br

A EDUSP comemorou 20 anos de fundação com uma festa na sede da Fiesp, em São Paulo, no dia 25 de março. Na ocasião foi lançado o milésimo título editora, *Épicos*, em co-edição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

O Sarau do Choro, coordenado por Danilo Brito e Alberico Rodrigues, idealizado por Danilo Brito, acontecerá no Espaço Cultural Alberico Rodrigues, no dia 29 de março, sábado, das 18 às 21 horas, Praça Benedito Calixto, 159, em São Paulo. Informações pelo *telefones* (11) 3064-3920 e 3064-9737.



Ana Maria Machado e Flávia Savary

Flávia Savary foi laureada com o *Prêmio Ana Maria Machado* de dramaturgia infantil, com a peça teatral *A Rosa que Gira a Roda*.

A Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas (Fliporto 2008), que acontecerá de 6 a 9 de novembro, homenageará a América Latina e a África.

Dorothy Stil, Alfredo Scottini, Paulo Roberto Bornhofen, Suzana Sedrez e Djalma Patrício, no dia 2 de abril, tomarão posse na Academia de Letras Blumenauense, que é presidida por Nelson Valente. A sessão solene será realizada no salão nobre da Prefeitura de Blumenau.

Educação e Sociedade: compromisso com o humano, de Luiz Monteiro Teixeira e Roberta Maria Lobo da Silva, foi lançado pela Edições Loyola.

A Saraiva comprou a Siciliano por R\$ 60 milhões. O grupo contará com uma rede de 99 livrarias e será a segunda maior em número de lojas, depois da rede de franquias Nobel, com 170 unidades.



Gabriel O Pensador

O 2º Festival Literário Nacional de Poços de Caldas, evento que acontece juntamente com a 3ª Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas, com o apoio da Câmara Brasileira do Livro, acontecerá 1 a 6 de abril, no Palace Casino, em Poços de Caldas, MG. Gabriel O Pensador, autor de *Diário Noturno*, participará do evento no dia 3 de abril, quinta-feira, às 19:50 horas. informações através do site www.feiradolivropocosdecaldas.com.br

A VI Edição da FLIP - Festa Literária Internacional de Parati, que acontecerá de 2 a 6 de julho, homenageará Machado de Assis.

O Dicionário Machado de Assis - Ontem, hoje e sempre foi lançado pelo Grupo Zaffari, em parceria com a Academia Brasileira de Letras.

Eros e Tântatos - A vida, a morte e o desejo, de Rogério Miranda de Almeida, foi lançado pela Edições Loyola. O autor, doutor em filosofia pela Universidade de Metz (França), aborda na obra a dualidade entre vida e morte dos pré-socráticos a Nietzsche e Freud.

Armando Antongini é o novo Diretor de Relações Institucionais do grupo Barsa Planeta Internacional. Armando exerceu o cargo de presidente e diretor-executivo da Câmara Brasileira do Livro.

Carmen Berenguer foi laureada com o *Prêmio Ibero-americano Pablo Neruda de literatura*, promovido pelo governo do Chile em parceria com a Fundação Pablo Neruda. Carmen recebeu a importância de US\$ 30 mil.

Arthur C. Clarke, autor de *2001: Uma odisséia no espaço*, faleceu aos 90 anos no Sri Lanka, vítima de um ataque cardíaco-respiratório.

A edição 2008 da Virada Cultural, que acontecerá em São Paulo, das 18h. do dia 26 até às 18h. do dia 27, está com inscrições abertas para os interessados em participar do evento através do site www.viradacultural.org

Lau Siqueira lançou *Texto Sentido*. O livro está a venda on line, ao preço de R\$ 10,00 (dez reais) no blog www.lausiqueira.blogspot.com.br

Linguagem Viva

Novo Telefone:

2693-0392